

Ninguém pode ter certeza a respeito de como o mundo seria se Washington tivesse buscado políticas muito diferentes em relação à China e à Rússia. Os cenários alternativos são tentadores. A Rússia teria se democratizado e se integrado à ordem liberal, como a Alemanha do pós-guerra? Se Washington tivesse endurecido com Pequim a China teria se tornado uma versão do Japão nos anos 80, economicamente ameaçadora, mas geopoliticamente benigna?

Na verdade, a ascensão pacífica da Alemanha e do Japão foi uma anomalia propiciada por razões históricas específicas. A China e a Rússia estavam fadadas a demonstrar sua força no futuro. E é irônico que alguns dos altos sacerdotes da realpolitik, que normalmente argumentariam que confrontos entre grandes potências são resultado inevitável de ambições nacionais em competição, ainda culpem as ações dos EUA – em um caso por serem duros demais, no outro, por serem fracos demais.

**COMPETIÇÃO.** Pode-se argumentar que mudanças no equilíbrio global de poder foram mais determinantes no sentido de incitar a Rússia e a China à ação, apesar de lideranças domésticas terem tomado decisões fatídicas em ambos os países. Depois de se recuperar de sua era de fraqueza nos anos 90, uma Rússia revitalizada tenderia a tentar retomar parte de sua glória. Já a China jamais aceitaria mansamente um status modesto depois de ascender meteoricamente e se tornar a segunda maior economia do mundo. Afinal, o anúncio “Made in China” de Xi, estabelecendo o objetivo para seu país de dominar alguns dos principais setores da economia e ser em grande medida autossuficiente em outras áreas, é de 2015, anterior às tarifas do ex-presidente Donald Trump e dos banimentos de tecnologias do presidente Joe Biden. O momento unipolar não poderia durar eternamente. A história não tinha acabado.

Mas o retorno da competição entre grandes potências é parte de uma história ainda maior. Tensões em termos de poder bruto são esperadas quando novos países ganham poder e influência. Mas a ascensão da China e o retorno da Rússia também devem ser entendidos como parte de um equilíbrio cultural – respostas não meramente ao domínio geopolítico dos EUA ao longo das três décadas recentes, mas também à disseminação do liberalismo pelo mundo.

Após anos de globalização e integração, Xi e Putin preocupavam-se com a possibilidade de seus países estarem escapando de seu controle, ficando mais influenciados por um conjunto

de valores globais em detrimento de seus valores tradicionais, e ambos se movimentaram para reafirmar seus interesses e culturas nacionais em detrimento da influência cosmopolita. Impulsos similares motivaram o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, o ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro e outros líderes populistas. Eles atacam ideias e instituições do liberalismo em seus países – os partidos estabelecidos, os tribunais e os meios de comunicação – por se preocuparem com a possibilidade de um mundo aberto corroer seu antigo estilo de vida.

**AMEAÇA INTERNA.** O elemento mais perigoso dessas tendências não é o fato de Rússia e China agirem mais agressivamente na arena global. O Ocidente é poderoso o suficiente para manter essas forças sob controle. Mais preocupante é o fato de essa reação cultural aparentemente ter infectado o Ocidente e, de fato, os próprios EUA, ameaçando as fundações do nosso mundo moderno e liberalizado. A ascensão do populismo no Ocidente ataca o cerne da maior realização da política e da economia do Ocidente: a criação de sociedades livres e dos livres-mercados dentro do estado de direito.

A crise do liberalismo global não emerge em um vácuo; é resultado de sociedades em rápida transformação e líderes que capitalizam sobre temores decorrentes de toda essa mudança. De fato, para a maioria das pessoas, a globalização e a revolução digital mudaram o mundo positivamente de inúmeras maneiras. Essas forças democratizaram a tecnologia, favoreceram a inovação, aumentaram a expectativa de vida, disseminaram riqueza e conectaram pontos remotos do planeta.

**Ameaça interna**  
**Preocupante é o fato de**  
**atual reação cultural**  
**aparentemente ter**  
**infectado o Ocidente**  
**e os próprios EUA**

Mas forças que modernizam tanto e tão rapidamente as sociedades também são, por definição, profundamente desestabilizadoras. Melhorias com frequência subvertem modos de vida tradicionais, deixando em muitos uma sensação de perda das referências. Progressos materiais podem melhorar o padrão de vida médio, mas também têm capacidade de despedaçar comunidades e indivíduos. Grupos marginalizados podem se sentir libertados, mas membros da maior parte da população podem se inquietar. E conforme as empresas privadas ganham eficiência e escala ao transcender fronteiras nacionais, as pessoas se sentem



cada vez mais impotentes.

**'ABISMO INFINITO'.** O arcebispo Desmond Tutu, que desempenhou um papel crucial guiando a África do Sul do apartheid à democracia, escreveu certa vez que “ser humano é ser livre”. Todos nós queremos ser livres. Nós queremos escolha, autonomia e controle de nossas vidas. E ainda assim, também sabemos que, quando adotamos a liberdade, os seres humanos podem acabar se sentindo profundamente desconfortáveis. Liberdade e autonomia com frequência ocorrem em detrimento de autoridade e tradição. Conforme as forças aglutinadoras da religião e dos costumes desaparecem, o indivíduo ganha, mas as comunidades com frequência perdem. O resultado é que nós podemos ficar mais ricos e livres, mas também ficamos mais sozinhos. Nós buscamos algo – ou algum lugar – que supra essa sensação de perda, um vazio que o filósofo francês Blaise Pascal chamava de “abismo infinito”.

Ao longo da história, governos têm definido o que dá sentido à vida, orientando as pessoas a servir a Deus, à pátria ou à causa comunista. Os resultados têm sido com frequência desastrosos. O Estado liberal, em contraste, não diz aos seus cidadãos o que torna a vida boa,

deixando isso para os indivíduos. E instala uma série de procedimentos – eleições, livre expressão, tribunais – para ajudar a garantir liberdade, justiça e igualdade de oportunidades. As sociedades modernas protegem nossas vidas e liberdades para que possamos individualmente buscar felicidade e plenitude, definindo-as como nos apeteça contanto que isso não interfira na capacidade alheia de fazer o mesmo.

**Sem causas ideológicas**  
**Muitos consideram**  
**o projeto racional do**  
**liberalismo um**  
**substituto precário**  
**à fé sublime em Deus**

Mas construir nosso próprio sentido da vida não é fácil; é muito mais simples consultar a Bíblia ou o Alcorão. Muitos consideram o projeto racional do liberalismo um substituto precário à fé sublime em Deus que no passado inspirou os homens a construir catedrais e escrever sinfonias. Ao descrever o triunfo da democracia liberal na versão estendida de seu famoso ensaio *O fim da história*, que virou livro, Francis Fukuyama aumentou sua frase marcante para dar título à obra batizando-a como *O fim da história e o último*

homem. Fukuyama preocupou-se com a possibilidade de, apesar de enriquecer as sociedades ocidentais e tranquilizá-las, a vitória sobre o comunismo também ter transformado todos em indivíduos passivos. A imagem conjurada por Fukuyama após a vitória sobre o comunismo era a de pessoas sem grandes causas ideológicas para defender, pessoas que passariam a vida em busca de necessidades materiais e desejos – e sentindo-se vazias, sozinhas e deprimidas.

O populismo, o nacionalismo e o autoritarismo preenchem esse vazio. Oferecem às pessoas o que o acadêmico alemão-estadunidense Erich Fromm classifica como “fuga da liberdade”. Psicólogo eminente e estudioso da ascensão do fascismo, Fromm argumenta que, quando experimentamos o caos da liberdade, os seres humanos se assustam. “O indivíduo atemorizado busca alguém ou algo a que se agarrar, não suporta mais ser seu próprio eu individual e tenta freneticamente livrar-se dele e sentir-se seguro novamente pela eliminação de seu fardo: seu eu”, escreveu Fromm.

Ao explicar sua própria ideologia antiliberal, Orbán tem argumentado que o liberalismo coloca foco demais sobre o indivíduo e seu ego. “Há certas ②